opusdei.org

Carta do Prelado (novembro de 2013)

Comentário aos dois últimos artigos do Credo: "Espero a ressurreição dos mortos e a vida do mundo que há de vir".

07/11/2013

Caríssimos: que Jesus guarde as minhas filhas e os meus filhos!

O Ano da Fé termina dentro de poucas semanas; o Santo Padre fará a sua clausura no próximo dia 24, na solenidade de Cristo-Rei. Nesta circunstância, convido-vos a reler

umas palavras que o nosso Padre escreveu numa das suas homilias: Quando recitamos o Credo, professamos crer em Deus Pai, Todo-Poderoso; em seu Filho Jesus Cristo, que morreu e foi ressuscitado; no Espírito Santo, Senhor e fonte da vida. Confessamos que a Igreja, una, santa, católica e apostólica, é o Corpo de Cristo, animado pelo Espírito Santo. Alegramo-nos ante a remissão dos pecados e a esperança da ressurreição futura. Mas essas verdades penetram até o fundo do coração, ou ficam talvez nos lábios? [1].

A solenidade de Todos os Santos, que celebramos hoje, e a comemoração dos fiéis defuntos, que será amanhã, são um convite para que tenhamos presente o nosso destino eterno. Estas festas litúrgicas refletem os últimos artigos de fé. Com efeito, «o credo cristão – profissão da nossa fé

em Deus Pai, Filho e Espírito Santo, e na sua ação criadora, salvadora e santificadora – culmina na proclamação da ressurreição dos mortos no fim dos tempos e na vida eterna» [2].

Em poucas palavras, o Credo resume os novíssimos, as últimas coisas - em nível individual e em nível coletivo que acontecerão com cada pessoa e com o universo inteiro. Já a reta razão é capaz de intuir que, após a vida terrena, há um além em que se restabelecerá plenamente a justiça, tantas vezes violada aqui em baixo. Mas só à luz da revelação divina – e especialmente à luz clara da encarnação, morte e ressurreição de Jesus Cristo – estas verdades adquirem contornos nítidos, embora continuem envoltas num véu de mistério.

Graças aos ensinamentos de Nosso Senhor, as realidades últimas perdem o sentido tétrico e fatalista que muitos homens e mulheres tiveram ao longo da história e têm hoje. A morte corporal é uma realidade evidente a todos, mas, em Cristo, adquire um sentido novo. Não é só uma consequência de sermos criaturas materiais, com um corpo físico que naturalmente tende à desagregação, e não se restringe apenas - como já o revelava o Antigo Testamento – a um castigo pelo pecado. São Paulo escreveu: Para mim, o viver é Cristo e o morrer é lucro. E em outro momento acrescenta: Eis uma verdade absolutamente certa: se morrermos com Ele, também viveremos com Ele [3]. «A novidade essencial da morte cristã está nisto: pelo batismo, o cristão já está sacramentalmente "morto com Cristo", para viver uma vida nova; e se morrermos na graça de Cristo, a morte física consuma este "morrer com Cristo" e completa

assim a nossa incorporação a Ele no seu ato redentor» [4].

A Igreja é Mãe em todos os momentos. Regenerou-nos nas águas do Batismo, comunicando-nos a vida de Cristo e, ao mesmo tempo, a promessa da imortalidade futura; a seguir, por meio dos outros sacramentos – especialmente o da Confissão e o da Eucaristia -, cuidou de que o «estar» e «caminhar» em Cristo se desenvolvessem nas nossas almas; depois, quando chega a doença grave e, sobretudo, no transe da morte, inclina-se de novo sobre as suas filhas e filhos e fortalece-nos por meio da Unção dos Enfermos e da Comunhão a título de viático, provendo-nos de tudo o que é necessário para enfrentarmos, cheios de esperança e de paz gozosa, essa última viagem, que, com a graça de Deus, terminará nos braços do nosso Pai celestial. Assim se explica que São Josemaria – como tantos santos

antes e depois dele –, ao falar da morte cristã, tivesse escrito umas palavras claras e otimistas: Não tenhas medo da morte. – Aceita-a desde agora, generosamente..., quando Deus quiser..., como Deus quiser..., onde Deus quiser. – Não duvides; virá no tempo, no lugar e do modo que mais convier..., enviada por teu Pai-Deus. – Bemvinda seja a nossa irmã, a morte! [5].

Vêm-me ao pensamento tantas pessoas – mulheres e homens do Opus Dei, bem como parentes seus, amigos e cooperadores – que, nestes momentos, estão a ponto de render a alma a Deus. Peço para todas e para todos a graça de um trânsito santo, cheio de paz, em estreita identificação com Jesus Cristo. O Senhor ressuscitado é a esperança que nunca decai, que não defrauda (cfr. Rom 5, 5) [...] . Na nossa vida, quantas vezes as esperanças se

desvanecem, quantas vezes as expectativas que trazemos no coração não se realizam. A nossa esperança de cristãos é forte, segura e sólida nesta terra, onde Deus nos chamou para caminharmos, e está aberta à eternidade, porque está fundada em Deus, que é sempre fiel [6].

Proponho-vos que, ao longo deste mês dedicado aos fiéis defuntos, releiais e mediteis os parágrafos que o Catecismo da Igreja Católica dedica aos novissimos. Tirareis daí motivos de esperança e de otimismo sobrenatural, e um impulso novo para a luta espiritual de cada dia. As próprias visitas aos cemitérios – que nestas semanas se repetem em muitos lugares como uma tradição piedosa - podem transformar-se em ocasiões para que as pessoas com quem nos relacionamos apostolicamente considerem as verdades eternas e procurem cada

vez mais este nosso Deus, que nos acompanha e nos chama com ternuras de Pai.

Com a morte, termina o tempo de realizarmos boas obras e de adquirirmos méritos perante Deus; imediatamente depois, tem lugar o juízo pessoal de cada um de nós. Com efeito, faz parte da fé da Igreja que «cada homem recebe na sua alma imortal a retribuição eterna a partir do momento da morte, num juízo particular que põe a sua vida em referência com a vida de Cristo, seja através de uma purificação, seja para entrar imediatamente na felicidade do céu, seja para se condenar imediatamente para sempre» [7].

A matéria principal deste juízo versará sobre o amor a Deus e ao próximo, manifestado no cumprimento fiel dos mandamentos e dos deveres de estado. Hoje em dia, muita gente foge de pensar nesta

realidade, como se assim pudesse evitar o justo juízo de Deus, que sempre está impregnado de misericórdia. Nós, os filhos de Deus, não devemos ter medo da vida nem da morte, como dizia São Josemaria. Se estivermos firmemente ancorados na nossa fé, se recorrermos ao Senhor, contritos, no sacramento da Penitência, depois de o termos ofendido ou para purificarmos as nossas imperfeições, se recebermos com frequência o Corpo de Cristo na Eucaristia, não haverá motivo para temermos esse momento. Consideremos o que o nosso Padre escreveu há muitos anos: "Achei graça quando ouvi o senhor falar das «contas» que Deus lhe pedirá. Não, para vós Ele não será Juiz - no sentido austero da palavra –, mas simplesmente Jesus". – Esta frase, escrita por um Bispo santo, que consolou mais de um coração atribulado, bem pode consolar o teu [8].

Além disso – o que deve encher-nos de grande alegria -, a Igreja não abandona os seus filhos nem mesmo depois da morte: como boa Mãe, intercede pelas almas dos fiéis defuntos em cada Missa, para que sejam admitidas na glória. Especialmente em novembro, o seu desvelo impele-a a intensificar os sufrágios. Na Obra – partezinha da Igreja –, fazemo-nos amplamente eco deste desejo, cumprindo com carinho e agradecimento as recomendações de São Josemaria para estas semanas, oferecendo generosamente o Santo Sacrifício e a Sagrada Comunhão pelos fiéis do Opus Dei, pelos nossos parentes e cooperadores defuntos e por todas as almas do Purgatório. Vedes como a consideração dos novíssimos não tem nada de triste, antes é fonte de alegria sobrenatural? Aguardamos com plena confiança a chamada definitiva de Deus e a consumação do mundo no último dia, momento

em que Cristo virá tomar posse do seu reino, acompanhado de todos os anjos. Então terá lugar a ressurreição de todos os homens e de todas as mulheres que povoaram a terra, desde o primeiro até o último.

O Catecismo da Igreja Católica afirma que este «foi desde os seus inícios um elemento essencial da fé cristã» [9]. Por isso, já no começo encontrou incompreensões e oposições. «Aceitase muito comumente que, depois da morte, a vida da pessoa humana prossegue de um modo espiritual. Porém, como crer que este corpo tão manifestamente mortal possa ressuscitar para a vida eterna?» [10]. Mas é o que acontecerá realmente no final dos tempos, como fruto da onipotência de Deus, segundo afirma explicitamente o Símbolo Atanasiano: «Todos os homens ressuscitarão com os seus corpos, para prestar contas dos seus atos. E os que tiverem praticado o bem irão

para a vida eterna, e os maus para o fogo eterno» [11].

A condescendência amorosa do nosso Pai-Deus deslumbra-nos. Ele criou-nos como seres compostos de alma e corpo, de espírito e matéria, e é seu desígnio que retornemos a Ele desse modo, a fim de gozarmos eternamente, na vida futura, da sua bondade, da sua beleza, da sua sabedoria. Uma criatura precedeunos nessa ressurreição gloriosa, por singular desígnio do Senhor: a Santíssima Virgem, Mãe de Jesus e nossa Mãe, que subiu em corpo e alma à glória do Céu. Outro motivo mais de esperança e de confiante otimismo!

Tenhamos muito presentes estas promessas divinas – que não podem falhar –, sobretudo nos momentos de dor, de cansaço, de sofrimento... Vede como São Josemaria se exprimia numa ocasião em que pregava sobre os novíssimos:

Senhor, creio que ressuscitarei;
creio que o meu corpo voltará a
unir-se à minha alma para reinar
contigo eternamente, por causa
dos teus méritos infinitos, da
intercessão da tua Mãe, da
predileção que tiveste para comigo
[12]. Desejo que não penseis que esta
carta é pessimista, nem
minimamente; pelo contrário, traznos à memória que o que nos
aguarda é o abraço de Deus, se somos
fiéis.

Depois da ressurreição dos mortos, terá lugar o juízo final. Nada mudará em relação àquilo que já tiver sido decidido no juízo particular, mas então «conheceremos o sentido último de toda a obra da criação e de toda a economia da salvação, e compreenderemos os caminhos admiráveis pelos quais a sua Providência terá conduzido tudo para o seu fim último. O juízo final –

conclui o *Catecismo da Igreja Católica* – revelará que a justiça de Deus triunfa de todas as injustiças cometidas pelas suas criaturas e que o seu amor é mais forte que a morte» [13].

Naturalmente, ninguém sabe quando nem como sobrevirá este último acontecimento da história, nem como será a renovação do mundo material que o acompanhará: é algo que Deus manteve sob reserva na sua Providência. O que nos cabe é velar, porque – como o Senhor anunciou muitas vezes – não sabeis o dia nem a hora [14].

Numa das catequeses sobre o Credo, o Papa Francisco exorta-nos a que a meditação do juízo jamais nos cause temor, antes nos incite a viver melhor o presente. Com misericórdia e paciência, Deus oferece-nos este tempo para aprendermos a reconhecê-lo nos

pobres e nos pequenos cada dia; para nos empenharmos no bem e estarmos vigilantes na oração e no amor [15]. A meditação das verdades eternas torna-se mais sobrenatural em nós com o santo temor de Deus, dom do Espírito Santo que nos impele – como comentava São Josemaria – a detestar o pecado em todas as suas formas, pois somente o pecado nos pode afastar dos planos misericordiosos do nosso Pai-Deus.

Minhas filhas e meus filhos, consideremos a fundo estas verdades últimas. Assim, o pensamento da bem-aventurança eterna que Jesus Cristo nos prometeu, se lhe formos fiéis, far-nos-á crescer em esperança, encher-nos de otimismo ante as dificuldades, levantar-nos uma e outra vez das nossas quedas pequenas ou não tão pequenas, pois Deus não nos nega a sua graça. «Essa vida perfeita com a Santíssima Trindade, essa comunhão de vida e

de amor com Ela, com a Virgem Maria, os anjos e todos os bemaventurados, é denominada "o Céu". O Céu é o fim último e a realização das aspirações mais profundas do homem, o estado de felicidade suprema e definitiva» [16].

O Céu. "Nem olho algum viu, nem ouvido algum ouviu, nem jamais passou pela cabeça do homem o que Deus preparou para os que O amam". – Não te incitam à luta estas revelações do Apóstolo? [17]

Atrevo-me a acrescentar: pensas no Céu com frequência? És uma pessoa cheia de esperança, pois o Senhor te ama com a sua infinitude? Elevemos o coração à Santíssima Trindade, que nunca deixa nem deixará de acompanhar-nos.

Recebestes a notícia de que o Santo Padre me recebeu em audiência no dia 18 de outubro. Como se está bem com o Papa! Manifestou o seu afeto e

o seu agradecimento à Prelazia pelo trabalho apostólico que realiza em todo o mundo. Mais um motivo, minhas filhas e filhos, para que não afrouxemos na oração pela sua pessoa, pelas suas intenções, pelos seus colaboradores. Há poucos dias, numa das leituras da Missa, líamos que Aarão e Hur sustiveram os braços de Moisés da manhã até a noite para que o condutor de Israel pudesse interceder pelo seu povo sem cansaço [18]. É tarefa nossa e de todos os cristãos sustermos o Romano Pontífice, com a nossa oração e as nossas mortificações, no cumprimento da missão que Jesus Cristo confiou à Igreja.

No próximo dia 22, completa-se um novo aniversário da ocasião em que São Josemaria encontrou a rosa de Rialp, durante a sua travessia dos Pireneus, em 1937. O episódio ocorreu no dia seguinte à festa da Apresentação de Nossa Senhora, e o nosso Padre interpretou aquele achado como um sinal de que o Céu queria que ele prosseguisse a sua caminhada, a fim de continuar a desenvolver livremente o seu ministério sacerdotal em lugares onde se respeitava a liberdade religiosa: outro convite de Nossa Senhora para que nos relacionemos mais com Ela.

Continuai a rezar pelas minhas intenções. Nestes dias, rezai especialmente pelos vossos irmãos que receberão o diaconado no dia 9. Preparemo-nos para a solenidade de Cristo- Rei com a esperança e o otimismo que a meditação das verdades eternas faz crescer nos nossos corações. E demos graças a Nosso Senhor pelo novo aniversário da ereção pontifícia da Prelazia do Opus Dei, no próximo dia 28.

Com todo o afeto, abençoa-vos

o vosso Padre

- + Javier
- Roma, 1º de novembro de 2013.
- [1] São Josemaria, É Cristo que passa , n. 129.
- [2] Catecismo da Igreja Católica , n. 988.
- [3] Flp 1, 21 e 2 Tim 2, 11.
- [4] *Catecismo da Igreja Católica* , n. 1010.
- [5] São Josemaria, Caminho, n. 739.
- [6] Papa Francisco, Discurso na audiência geral, 10-4-2013.
- [7] Catecismo da Igreja Católica , n. 1022.
- [8] São Josemaria, *Caminho* , n. 168.
- [9] *Catecismo da Igreja Católica* , n. 991.
- [10] Ibid., n. 996.

- [11] Símbolo *Quicumque* ou Atanasiano, 38-39.
- [12] São Josemaria, Notas de uma meditação, 13-12-1948.
- [13] *Catecismo da Igreja Católica* , n. 1040.
- [14] Mt 25, 13.
- [15] Papa Francisco, Discurso na audiência geral, 24-4-2013.
- [16] *Catecismo da Igreja Católica* , n. 1024.
- [17] São Josemaria, Caminho, n. 751.
- [18] Cf. Ex 17, 10-13.

pdf | Documento gerado automaticamente de https:// opusdei.org/pt-br/article/carta-doprelado-novembro-de-2013/ (21/11/2025)